

PODER E PERSUASÃO NO DISCURSO RELIGIOSO MEDIEVAL*

Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira
Andrade** FFLCH/USP

RESUMO: Partindo da hagiografia de São Frutuoso de Braga, pretendemos analisar como se instaura a interação em um texto que objetiva persuadir o leitor por meio da narrativa sobre a vida de um santo, tornando um exemplo a ser seguido. O intuito da Igreja ao solicitar que os religiosos redigissem uma hagiografia era produzir textos para o uso litúrgico, nas missas ou ofícios monásticos; propagar os feitos de um determinado santo, atraindo, assim, ofertas e doações para os Templos e Mosteiros que os tinham como patronos; para leitura privada ou como textos de escola; instruir e edificar os cristãos na fé; divulgar os ensinamentos oficiais da Igreja, etc.

PALAVRAS-CHAVE: análise do discurso; persuasão; poder; interação; hagiografia.

RESUMEN: El objetivo de este artículo es analizar la hagiografía de San Fructuoso de Braga para demostrar como se instaura la interacción en una hagiografía medieval, texto que tiene como meta persuadir el lector por medio de la narrativa a respecto de la vida de un santo, transformándolo en un ejemplo a ser seguido. La intención de la Iglesia al solicitar que los religiosos escribieran una hagiografía era producir textos para el uso litúrgico, en las misas u oficios monásticos; propagar los hechos de un determinado santo, atrayendo, de este modo, ofrendas y donaciones para los Templos y Monasterios que los tenían como patronos; para lectura privada o como textos de escuela; instruir y edificar los cristianos en la fe; divulgar las enseñanzas oficiales de la Iglesia, etc.

PALABRAS-CLAVE: análisis del discurso; persuasión; poder; interacción; hagiografía.

Considerações Iniciais

Na Antiguidade Clássica, a *Retórica* era a disciplina que tratava da harmonia entre arte e espírito, isto é, buscava o modo convincente e elegante de uso da linguagem. Segundo Ducrot e Todorov (1977: 81), “o aparecimento da retórica como disciplina específica é o primeiro testemunho, na tradição ocidental, de uma reflexão acerca da linguagem. (...) Começa-se a estudar a linguagem não na qualidade de ‘língua’ (...), mas na qualidade de ‘discurso’”. Em outras palavras, a retórica tem como objetivo mostrar o modo de constituir as palavras, buscando convencer o interlocutor sobre determinada verdade.

Entretanto nos séculos XVIII e XIX, a retórica passou a significar recursos embelezadores do discurso, agora não se tratava mais de um método de composição,

* uma primeira versão deste trabalho foi apresentada, em sessão de comunicação, no *I Ciclo Internacional de Estudos Antigos e Medievais - Relações de Poder, Cultura e Educação*, realizado no período de 12 a 14 de abril de 2005, na UNESP- campus de Assis.

** doutora em Semiótica e Lingüística Geral (FFLCH/USP) e professora de Filologia e Língua Portuguesa, no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, na mesma Universidade.

mas de buscar o melhor enfeite, a figura de linguagem mais representativa, a expressão mais inusitada, visando apenas ao estético.

Atualmente, os estudos retóricos receberam novos olhares, em especial no que diz respeito à argumentação e suas técnicas. Para Aristóteles, a retórica apresenta algo de ciência, na medida em que é um *corpus* com determinado objeto e um método verificativo dos passos seguidos para se produzir a persuasão. Nessa perspectiva, a retórica assume uma atitude analítica, já que deve verificar quais os mecanismos empregados para se fazer algo ganhar a dimensão da verdade; e não se algo é verdadeiro ou falso, que seria uma atitude ética.

Em síntese, pode-se dizer que a retórica “não entra no mérito do que está sendo dito, mas no como aquilo que está sendo dito o é de modo eficiente” (Citelli, 1986:11).

1. Poder e Persuasão

A palavra persuadir significa submeter, daí sua vertente autoritária. O indivíduo que persuade leva o seu interlocutor à aceitação de uma determinada idéia. Para Citelli, na própria etimologia da palavra está embutido um conselho irônico: per + suadere = aconselhar. “Essa exortação possui um conteúdo que deseja ser verdadeiro: alguém ‘aconselha’ outra pessoa acerca da procedência daquilo que está sendo enunciado” (p. 13). Segundo o referido autor, é possível que o persuasor não trabalhe com uma verdade, mas com algo que seja verossímil. Nessa perspectiva, persuadir não é enganar, mas o resultado de certa organização do discurso que cria um efeito de sentido e o constitui como verdadeiro para o interlocutor.

A maneira de articular o discurso, sua organização, pode determinar a direção que esse discurso irá tomar, estabelecendo efeitos de sentido e criando uma interação com um grau de persuasão maior ou menor.

Segundo Bakhtin (1979), a linguagem - no contexto - perde sua neutralidade e passa a refletir aquilo que chamamos propriamente de ideologia (valores sociais e idéias contidos no discurso). Assim, os recursos lingüísticos que são empregados na organização de um texto não devem ser vistos como meros recursos formais, escolhas feitas para “embelezar” o texto, mas sim como escolhas que revelam comprometimento de caráter ideológico e cumprem um grande espectro de funções persuasivas às quais apresentam, em geral, normatividade e cunho pedagógico. Cabe lembrar as palavras de

Eco (1971: 85): “determinado modo de empregar a linguagem identificou-se com determinado modo de pensar a sociedade”.

O discurso persuasivo busca, portanto, representar “toda a verdade” por meio de recursos lingüísticos que são selecionados como expressões de “uma verdade”, instaurando uma superposição. Nesse sentido, o objetivo maior do discurso persuasivo é, por meio de recursos retóricos, “convencer ou alterar atitudes e comportamentos já estabelecidos” (cf. Citelli, 1986: 32)

Assim, pode-se deduzir - conforme Citelli (op.cit.) - que o discurso persuasivo é sempre a expressão de um discurso institucional. Segundo o autor, as instituições (a igreja, a escola, o judiciário, o executivo, as forças militares, a família, etc.) se revelam por meio de discursos fechados, monossêmicos, que visam ao convencimento e passam a ser aceitos como verdade absoluta.

Para Marilena Chauí (1981: 7), o discurso competente (termo empregado para designar o discurso autoritário e persuasivamente eficaz) “confunde-se, pois, com a própria linguagem institucionalmente permitida ou autorizada, isto é, com um discurso no qual os interlocutores já foram previamente reconhecidos como tendo o direito de falar e ouvir”.

Os recursos retóricos dotam os discursos de mecanismos persuasivos. Assim, o eufemismo, a hipérbole, a metáfora, o raciocínio tautológico permitem, segundo afirma Citelli (op.cit., p. 36), “que projetos de dominação de que muitas vezes não suspeitamos, possam esconder-se por detrás dos inocentes signos verbais”.

O discurso e o poder se contemplam e podem coexistir, cabe ao leitor (interlocutor) e, principalmente, ao lingüista e ao historiador perceber e entender o uso que o autor (locutor) faz dos recursos que a língua lhe oferece para persuadir o público, camuflando o poder.

O discurso religioso apresenta alto caráter autoritário. Nele o eu-enunciador não pode ser questionado ou analisado. Na visão de Citelli (op.cit., p.48), o discurso religioso:

é ao mesmo tempo o tudo e o nada. A voz de Deus plasmará todas as outras vozes, inclusive a daquele que fala em seu nome: pastor. Estamos diante de um discurso de autoria sabida, porém não-determinada, visto que a fala do pastor se constrói como verdade não sua, mas do outro, aquele que, por ser considerado determinação de todas as coisas, engloba todas as falas do rebanho.

No que diz respeito à interação, o discurso religioso revela algo impar, pois enquanto os demais discursos autoritários-persuasivos (político, publicitário, escolar) podem vir a revelar a voz do sujeito falante, neste discurso resta apenas a noção de dogma. Como se trata de uma realidade imaterial, Deus não fala. Na verdade, quem fala em seu nome não é “dono” do discurso: o pastor é apenas o intermediário, ou seja, o porta-voz das palavras de Deus. Essa característica é verificada em textos como a Bíblia ou as orações (*Credo, Pai Nosso, Ave Maria*, etc.); entretanto, nas hagiografias tem-se um gênero literário em que há a voz de um enunciador (religioso) que busca contar a seus enunciatários a vida de um santo, seus milagres, sofrimentos e culto, para que a palavra divina possa ser encontrada nas ações desse escolhido de Deus.

2. As hagiografias medievais

Segundo Massaud Moisés (1978), o termo vem do grego *hagiografia*, significando escritos relativos aos santos, é sinônimo de “hagiologia”. Serve para designar os textos que relatam a vida dos santos. Comum desde a Idade Média nos países católicos ou que receberam influência da Igreja, a hagiografia apresentou caráter literário até o século XVIII, quando passou a incorporar as preocupações científicas despertadas na ciência historiográfica do tempo. O autor aponta que, no período do Romantismo, as vidas dos santos inspiraram poetas e dramaturgos.

Esse gênero é praticamente desconhecido em nossa produção literária, constituindo rico veio da Literatura Portuguesa. Moisés (op.cit, p. 269) aponta ainda que:

a hagiografia começa nos textos medievais recolhidos por Alexandre Herculano no *Portugalia Monumenta Historica*, volume *Scriptores* (1857-1873), e termina, por exemplo, com as hagiografias de Teixeira de Pascoaes (*São Paulo*, 1934; *São Jerônimo e a Trovoada*, 1936; *Santo Agostinho*, 1946), passando pelo *Hagiológico Lusitano* (1652-1666), de Jorge Cardoso, e pelas admiráveis vidas de santos escritas por Eça de Queirós e reunidas no volume *Últimas Páginas* (1912).

Cabe destacar que o termo hagiografia é utilizado, desde o século XVII, quando se iniciou o estudo sistemático sobre os santos, sua história e culto, para designar tanto este novo ramo do conhecimento como o conjunto de textos que tratam de santos com objetivos religiosos (Delehaye, 1973: 24)¹.

¹ Obra citada por Andréia Cristina Lopes Frazão da Silva:
<http://www.ifcs.ufrj.br/~frazao/hagiografia.htm>

A literatura hagiográfica cristã teve início ainda na Igreja Primitiva quando, a partir de documentos oficiais romanos ou do relato de testemunhas oculares, eram registrados os suplícios dos mártires. Porém, a hagiografia desenvolveu-se e consolidou-se somente a partir da Idade Média, com a expansão do cristianismo e a difusão do culto aos santos.

Durante a Idade Média foram produzidas muitas hagiografias. Tais obras possuíam caráter privado e foram redigidas, principalmente, pelos eclesiásticos. Num primeiro momento, foi utilizada para sua redação, a língua latina, já que era a língua dos cultos e da igreja e o seu público era formado prioritariamente por clérigos regulares e seculares. A partir dos séculos XI, XII e XIII, devido a transformações que ocorreram na Europa ocidental, as hagiografias foram sendo escritas, ou traduzidas, nas diversas línguas vernáculas, passando a atingir, assim, um público maior.

O objetivo dessas obras, segundo Frazão², era amplo:

propagar os feitos de um determinado santo, atraindo, assim, ofertas e doações para os Templos e Mosteiros que os tinham como patronos; produzir textos para o uso litúrgico, tanto nas missas como nos ofícios monásticos; para leitura privada ou como textos de escola; instruir e edificar os cristãos na fé; divulgar os ensinamentos oficiais da Igreja, etc.

Verifica-se, assim, que esses textos eram importantes meios para a propagação de concepções teológicas, modelos de comportamento, padrões morais e valores. Quanto à forma, organização ou processo de construção, as hagiografias medievais não apresentam unidade. Não só privilegiam aspectos diferenciados da vida dos santos, enfatizando a morte, a vida, ou os milagres, mas também sofrem adaptações em função de novos critérios estéticos e diferentes necessidades literárias. Cabe apontar que muitas obras foram reescritas e adaptadas, outras foram compiladas ou traduzidas.

Os textos hagiográficos não só apresentam diferenças formais, como também incorporam concepções diferenciadas de santidade. Vauchez³, estudioso europeu especialista em religião e religiosidade medievais, revela como no decorrer da Idade Média foram se transformando os ideais de espiritualidade e, por extensão, as concepções de santidade e a própria hagiografia.

² consultar página na web indicada na nota anterior.

³ Citado por Frazão.

Seguindo a perspectiva literária e o método histórico-descritivo-comparativo, Baños Vallejo⁴ concluiu que houve um gênero hagiográfico na Idade Média e que este se distinguia não pela forma dos textos, mas por seu conteúdo. Para esse autor, seriam traços comuns dos textos hagiográficos a apresentação de três elementos fundamentais: as ações realizadas em vida pelo santo e que retratam o seu desejo pela santidade, a morte vista como processo de aperfeiçoamento e, por fim, os milagres *post-mortem*, como sinal do êxito e comprovação da santidade desejada pelo santo.

Os textos hagiográficos não eram considerados textos canônicos ou teológicos, mas obras com caráter festivo, que visavam comemorar a vitória do santo contra o mal, o diabo e a morte. É por esse motivo que as hagiografias eram lidas nas festas, nos refeitórios monásticos, nas escolas e em locais públicos, como praças.

Em relação os textos hagiográficos, não há uma crítica textual específica: textos sobre a vida, milagres, invenções ou trasladações de santos são estabelecidos com os mesmos critérios adotados para outros gêneros.

A classificação dos manuscritos, sua genealogia, a avaliação das variantes são feitas de acordo com as regras do método filológico, para determinar pelo menos o arquétipo comum a todos os textos manuscritos conservados, já que não se pode apontar a sua autenticidade.

A edição deve ser diplomática, sem cometer o erro de editores do século XIX que, muitas vezes, publicavam os textos em função da atualidade ou de interesses particulares (cf. *Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs*)⁵ Habitualmente, temos não só testemunhos, mas recensões múltiplas. O problema só reside em apresentá-las como etapas sucessivas de um texto em processo constante de elaboração, que evolui e é adaptado às diversas exigências de quem o utiliza. Uma vez que o texto crítico foi estabelecido, ficam abertos os problemas de caráter histórico, isto é, os contextualizadores ou elementos que ancoram o texto: autor, data, proveniência, etc, cuja solução nem sempre é possível. É preciso proceder com atenção especial nos casos de atribuições de autoria de uma obra a uma personagem ilustre que eventuais anacronismos possam desfazer. A determinação das fontes fornece um dos critérios essenciais da crítica histórica.

⁴ Citado por Frazão.

⁵ Organizado por Ângelo di Berardino. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 658.

Pode-se, ainda, analisar o estilo da hagiografia que leva a distinguir entre um relato fidedigno e uma manipulação retórica, ou ainda um romance hagiográfico.

Na hagiografia *La vida de San Fructuoso de Braga*⁶, temos um texto anônimo cuja narrativa elaborada em primeira pessoa (voy a contarlo analizando unos cuantos detalles del principio y del fin de su vida – p. 81) faz usos de algumas marcas típicas da oralidade, de elementos coesivos e de frases metaenunciativas, criando um discurso que estabelece algumas estratégias de interação com seu leitor. Dentre esses recursos lingüísticos, podemos citar a título de ilustração:

a- uso do encadeador sequencial y *que*, como em:

Después de que la nueva claridad de la verdad suprema bañó de luz las antiguas tinieblas del mundo, y *que* desde la sede romana, primera cátedra de santa Iglesia, comenzó a brillar fulgurante la grandeza de la doctrina de la fe católica, y *que* desde Egipto, en el Oriente, comenzaron a resplandecer sobresalientes ejemplos de santa profesión monástica y *que* comenzó a relucir poco a poco el extremo de esta región del Occidente (...) (p. 81)

b- uso de marcador *pues bien*, como em:

Pues bien, después del fallecimiento de sus padres... (p. 81).

c- uso de diminutivo:

... mientras aún muchachito vivía con sus padres, sucedió en cierta ocasión que su padre lo tenía consigo pasó a tomar razón de sus rebaños en los arriscados valles de la región del Bierzo (p. 83).

d- uso do encadeador y:

(...) en una soledad alargada y estrecha, y alejada del mundo, en las quebradas de unos montes altísimos levantó el monasterio de Rufina, y junto al santo altar se encerró en un angosto y reducido emparedamiento; allí permaneció tranquilo por un cierto tiempo (p. 89).

e- uso de repetição de estrutura (paralelismo):

escondiéndose ya en lugares muy altos, ya en densos matorrales, ya incluso en peñascos que eran sólo accesibles a cabras monteses, que sólo podían verlo no los ojos humanos sino los divinos (p. 93).

f- uso de marcador conversacional (elemento típico da língua oral que serve para introduzir novo tópico, encadear outro item, etc.) *ahora, pues*:

Ahora, pues, no sucesos antiguos sino modernos, no de tiempos pasados sino actuales, no hechos según algunas vanas fabulaciones sino maravillas declaradas por criterios de verdad, en virtud de la narración del venerable presbítero Benenato... (p.101). (Neste trecho também encontramos o emprego de paralelismo).

⁶ Estudio e edição crítica de Manuel C. Diaz y Diaz, publicado em Braga, em 1974.

g- Uso de frases para orientar o leitor:

Cuanto he llegado a saber por narración fidedigna voy a contarle analizando unos cuantos detalles del principio y del fin de su vida (p. 81).

En fin, como ya hemos dicho, brilló a cada paso con muchas señales de milagros y resplandeció muy a menudo con la maravillosa ejecutoria de sus virtudes, gracias al apoyo divino (p. 95).

De estos santos poderes, con la ayuda de Dios empecemos ahora ya a decir algo (p. 95).

Esses recursos lingüísticos elencados criam um envolvimento interacional mais efetivo com o interlocutor (leitor ou ouvinte de uma hagiografia que era lida, como já se disse anteriormente), estabelecendo um efeito de sentido mais eficaz entre o conteúdo da narrativa e o público alvo.

Há, entretanto, uma série de recursos lingüísticos que acentuam a persuasão à hagiografia. Dentre eles, destacam-se:

a- uso de metáforas que enfatizam o ciframento do discurso religioso, criando um jogo simbólico, como em:

Después de que la nueva claridad de la verdad suprema bañó de luz las antiguas tinieblas Del mundo, y que desde la sede romana, primera cátedra de la santa Iglesia, comenzó a brillar fulgurante la frandea de la doctrina de la fé católica, y que desde Egipto, em el Oriente, comenzaron a resplandecer sovresalientes ejemplos de santa profesión monástica y que comensó a relucir poço a poço el extremo de esta región del Occidente, alumbro la piedad divina dos faros de perspícua claridad, a saber Isidoro, el dignísimo obispo de Sevilla, y San Fructuoso, desde su infancia irreprochable e íntegro (p. 81).

b- uso de estereótipos e chavões que possuem a força de “sintagmas cristalizados”:
“nosso Senhor”, “criador”, “Oh! Senhor”, “ com a ajuda de Deus”, “graças a Deus” entre outros:

- (...) nos dejó um modelo de santo monaquismo y siguió com paso inocente las huellas de su modelo, *nuestro Señor y Salvador* (p. 81).

- De estos santos poderes, con la *ayuda de Dios* empecemos ahora ya a decir algo. (p. 95).

- Una vez que con la *ayuda del Señor* llegó a la antedicha isla de Cádiz (p. 105).

- Al oír estas peticiones el santo *dió gracias a Dios* omnipotente y mandolé construir em la misma espesura de la soledad um pequeno refugio (p.107).

- Al enfrentarse este com ella, por *la gracia del Señor y llena del Espíritu Santo*, en unas poças palabras tanto le estrechó que no supo el outro ya qué decirle (p.109).

- Así, resultó por la inefable voluntad del Señor que la que con su santa conversión había ido la primera em el coro de aquellas sagradas vírgenes, fuera también la primera em ser llamada a la soberana gloria del reino de los cielos, por Aquél que vive y reina por los siglos de los siglos. Amén. (p. 111).

-

De modo geral, ainda podemos encontrar nas hagiografias outros recursos como- uso de parábolas e de paráfrases, criando alegorias e marcando a presença do texto bíblico:

Estando aí, pronto el rival de los santos patronos y adversario de aquella buena obra, castigado por la venganza divina, em poco tiempo concluyó su vida, y de este modo resulto que el que buscaba arrebatar la oblación a los santos, abandono de forma atroz este mundo sin descendência, y dejó sus bienes a gente ajena, y se llevó consigo sólo su perdición (p. 85) [paráfrase].

Considerações Finais

A partir do exposto, podemos observar o que é uma hagiografia e como o conhecimento de alguns conceitos lingüísticos pode auxiliar o leitor e, principalmente, o historiador a compreender melhor como esse gênero textual é constituído, quais estratégias e mecanismos lingüístico o enunciadador emprega para poder construir seu texto de maneira a interagir com o leitor, buscando persuadi-lo.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail (1979). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec.

BERARDINO, Angelo di (org.) (2002). *Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs*. Petrópolis: Vozes.

CHAUÍ, Marilena (1981) *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. São Paulo: Moderna.

CITELLI, Adilson (1986). *Linguagem e persuasão*. 2.ed. São Paulo: Ática, série Princípios.

DUCROT, Oswald e TODOROV, Tzvetan (1977). *Dicionário enciclopédico das ciências da linguagem*. São Paulo: Perspectiva.

ECO, Umberto (1971). *A estrutura ausente*. São Paulo: Perspectiva.

MOISÉS, Massaud (1978) *Dicionário de Termos Literários*. São Paulo: Cultrix.

<http://www.ifcs.ufrj.br/~frazao/hagiografia.htm> página consultada em 12 de fevereiro de 2005.

Fonte

ANÓNIMO. *La vida de San Fructuoso de Braga*. Estudio y edición crítica de Manuel C. Diaz y Diaz, publicado en Braga, en 1974.